

NUNO
CÔRTE-REAL,
MARIA JOÃO,
JOSÉ LUÍS
PEIXOTO
COM
ENSEMBLE
DARCOS

AGORA
MUDA TUDO

28 MAR 2019

QUI 21:00

Grande Auditório

M/6

FAZER UMAS CANÇÕES

Numa obra que junta tantas coisas, tenho de começar pelo óbvio: por que lado é que nasceu este projeto? Pela música? Pelas pessoas envolvidas? Fala-nos um pouco da cronologia de como foste montando estas peças todas.

Começou com a ideia de fazer umas canções. Trabalhar com a canção como forma. E depois que essas canções pudessem ser um pouco transversais. Quer dizer, que não fosse só música contemporânea, que não se restringisse a uma coisa. Estou a falar das premissas, antes das muitas escolhas. Depois, fazer estas canções com autores vivos, com textos que fossem originais, e não como se faz na música contemporânea, ou clássica, ou noutras músicas, que é fazer música com textos já escritos, poemas do Pessoa, do Cesariny, Sá-Carneiro, etc. O processo é totalmente diferente. Não estamos a trabalhar aqui com uma entidade que é o próprio poema. Quer dizer, tem muita vida, mas já está solidificada. Assim, doutro modo, pode-se trabalhar com o autor. Nesta caso o libretista, ou escritor, ou poeta, isso para mim é muito interessante.

Escolhi o José Luís Peixoto porque já tinha trabalhado com ele. Fiz uma miniópera, um *intermezzo* no São Carlos, que correu muito bem. Isto também é uma questão de afinidades, como é que uma pessoa trabalha com outras. Ele gostou muito da ideia e nós imaginámos este modelo de ensemble com voz, mas que a voz fosse uma voz da música, não da música clássica mas uma voz do “outro lado”. Pensámos e surgiu o nome da Maria João como musa, como alguém inspirador também.

Houve um trabalho prévio entre mim e o José Luís de construção. Tivemos várias reuniões onde ele me foi mostrando alguns textos e também falámos sobre o que é que isto poderia ser, se o ciclo de canções teria algum tema,... Enfim chegámos ao *Agora Muda Tudo*, que é o título da primeira canção mas foi um título que o próprio José Luís sugeriu porque eu num encontro prévio lhe tinha falado na minha vontade de abanar as coisas, fazer qualquer coisa, dizer “estou vivo!”. E ele apanhou bem essa ideia.

E que tipo de conversa é que tiveram para os poemas, para as palavras dele? Houve completa liberdade ou uma direção que vocês os dois estabeleceram?

Houve muita liberdade, mas há aqui duas questões. A forma dos poemas e o assunto dos poemas. Em relação ao assunto, nós tínhamos falado sobre o abanão, da liberdade, do amor também, algumas palavras-chave que foram surgindo. Em relação à forma, ele estava sempre a perguntar o que é que podia fazer e o que eu queria. Sempre fui muito aberto e dou-me muito bem com poesia no sentido musical, pois não tenho receio das coisas que aparecem. Podem ter rima, não ter rima, podem ser abstratas. Cheguei a pedir-lhe um poema com uma palavra. Para dar um exemplo extremo. Não houve um com uma palavra mas o José Luís escreveu alguns que têm uma frase apenas, ou um verso, verso e meio, como o último, *Voz*. Trabalhámos assim, neste clima de liberdade, mas sempre com retorno. Ele enviava-me material e eu escrevia e assim sucessivamente. Este tipo de trabalho exige alguma abertura das duas partes. Também ficou mais ou menos assente que depois eu poderia cortar algumas coisas, podia moldar um bocadinho, a estrutura ou alguma repetição. E isso de facto aconteceu, mas foi sempre no âmbito deste retorno criativo, muito saudável, de que gostei muito.

Falaste em liberdade. A Maria João é quase um sinónimo de liberdade, porque ela entra neste projeto pelas características que possui, por ser uma cantora ímpar, mas muito adaptável à improvisação. Aqui ela aparece como alguém que sobrevoa uma certa rigidez (normal) das composições. Presumo que queiras ter tido este confronto. Como é que ela encarou esse desafio de poder aterrar aqui dentro dos versos e com o ensemble a tocar ao seu redor?

Acho que a Maria João aterrou lindamente. Ela diz que teve muito medo, muito receio. Eu acredito. É compreensível. Mas não é tanto pela complexidade melódica porque eu acho que não há muita. Nós conseguimos cantar a melodia. Mas o que há ali de diferente, na minha opinião, em relação às outras coisas do mundo dela, é que em termos formais

a coisa não é “quadrada”. Porque as canções da pop ou música ligeira têm uma quadratura que é muito clara. Que as pessoas identificam bem. Aqui não há nada assim. E há canções em que ela está quase a planar porque nada está construído dentro. Como se ela estivesse a planar no ar livre. Acho que isso é o que foi mais difícil, o maior desafio para ela.

Estava com curiosidade para saber até que ponto é que te interessou mantê-la fora da tua forma, ou será que quiseste transformá-la numa cantora lírica, apesar dela não o ser? Acho muito interessante esse contraponto constante.

Depois do trabalho inicial com o José Luís Peixoto, comecei a ter alguns encontros com a Maria João para lhe explicar as ideias, para a preparar. E uma das coisas que ela comentou num desses momentos foi o sonho que ela tinha em ter uma experiência lírica. E depois começou a dar exemplos. Eu aproveitei isso e de facto algumas canções têm esse lado.

No tema *Branca de neve*, há uma parte no meio que tem a ver com o poema, que é muito psicadélico – isso é outra palavra-chave que também falámos [risos] —, com duas partes em que o ensemble toca uma música que parece Webern, muito “segunda escola de Viena”, tudo muito dissonante e depois há canto que é muito *sprechgesang*, que é uma técnica usada por Schoenberg, tipo cabaret, meio indefinida. Eu coloquei essa parte para ela. Há coisas escritas mas não têm de ser exatamente aquilo. Na realidade, nessa parte, está completamente a improvisar, com a letra e o ritmo mais ou menos certo – às vezes mais, outras vezes menos. Com aquele estilo lírico que me exemplificou, mas em português em vez de alemão. Houve aqui um duplo sentido, um retorno que ela quis e eu também lhe dei. E acho que funciona muito bem, mesmo, porque o que faz integra-se perfeitamente naquela estatismo do ensemble, mas por outro lado acho que aquela parte ganha uma outra dimensão por causa da sua voz. Ela trouxe essas coisas. A abordagem que faz a canções do cânone, canções populares do cânone, é clara. Se pedirem para cantar a *Garota de Ipanema* ela canta maravilhosamente. Ela pode é improvisar também, mas canta aquilo sem qualquer problema.

Calculei que fosse importante para a Maria João – e para ti também – manter algum do seu instinto natural de improvisação no meio destas canções.

Sim, sim. Houve uma distinção que ela fez de imediato e eu concordo. Há uma linha melódica, há uma canção, e pode haver ornamentos e interpretação. Ela ornamenta algumas das canções. Deixa de fazer o ritmo exato e passa a fazer a sua interpretação. Há interpretação mais ou menos livre e improvisação. Interpretação é ela cantar o que o que escrevi, que para ela é sempre diferente, nunca exatamente como está escrito lá., nunca exatamente como está escrito lá. Mas eu não me importo nada: para mim, a escrita é um meio, não é a coisa em si. Depois há a parte da improvisação... Foi uma coisa engraçada [risos]... Improvisação para ela é algo radical. Quer dizer, é voo livre, não se sabe... Faça-me entender? Não é sobre qualquer coisa em particular, previsível. “A partir daqui eu desapareço.” E nós ficamos ali... Há certas partes, em duas canções, em que ela faz isso. O ensemble pára mesmo, nós paramos todos, uma espécie de... ficamos em loop... ela desaparece. Vai à sua vida e nós em *loop*, atentos, quando regressa nós seguimos. Isso é sempre uma coisa muito engraçada e muito bonita.

De certa maneira, sinto que há aqui uma espécie de *songbook* quase tradicional. Parece que estou a ouvir canções de uma cultura que não consigo bem reconhecê-la, uma folk meio estranha. Isto faz algum sentido? No meio deste ping-pong entre improvisação e alguma erudição, algo me remete para uma certa ideia de música tradicional de algo que eu não consigo bem agarrar. Se calhar tem a ver com esse *mudar tudo*, muda tanta coisa que perde conexão com aquilo com o que identificamos e cria-se, de certa maneira, um corpo novo.

Para mim faz muito sentido. E eu penso muito nisto: a palavra-chave é síntese. Porque isto tem a ver com o meu papel como compositor, como artista, seja lá o que for. O que faço, porque faço. São perguntas muito grandes, sem resposta. Onde estou, quem sou eu? Sou português, nasci aqui, tenho uma influência desta cultura. Eu estou a dizer isto porque há pessoas que rejeitam totalmente a sua cultura, o seu *background*, o seu passado, como se fizessem tábula rasa. “A partir de agora eu sou, dois pontos.” Eu acho que isto é um erro. E é uma impossibilidade. Não é orgânico, é artificial. E isso ouve-se. Porque as coisas

ouvem-se todas. Sobretudo o que não está escrito. Está lá, ressoa. E eu tenho sempre colocado o que sou na minha música, e desde há muito tempo que faço um esforço para não fugir ao que eu sinto. Eu tive muitas crises durante e depois da academia exatamente por causa disso. E para mim, uma das questões fundamentais foi: sou músico, amo a música, amo a música clássica, os grandes mestres do passado, e também amo a música popular porque nasci com isso. Tenho um passado pop e não só. A questão para mim foi, por exemplo, olhar para a música tradicional portuguesa, que acho uma maravilha. A riqueza da música que nós temos. No entanto, estou num estilo em que não me permite usar essa riqueza. Dou um exemplo: a riqueza melódica do cante alentejano, todas aquelas melodias redondas que são lindíssimas. Não falo do estilo, falo de como cantam. Em abstrato, aquelas melodias são muito redondinhas, com notas que vão e voltam, vão para cima e depois para baixo. Acho lindo. Mas estou num género musical em que não posso fazer nada disso, porque é herético, é proibido, não dá, não pode ser. “Fazes, sim, mas mudas, fica mais anguloso, e dissonante e tal.” Uma das minhas crises foi essa. Porque é que não posso fazer? Isto explica todo este percurso e todas as minhas tentativas. Vim de um sítio e agora estou noutra mas não posso perder as minhas coisas, preciso de as integrar, tenho de fazer uma síntese. É isso que tenho tentado fazer, por isso não me surpreende que possa haver laivos, certas fragrâncias de músicas estranhas.

Acho que há qualquer coisa de português naquilo que faço – para o bem, e para o mal [risos]. Há qualquer coisa que passa pela música tradicional para esta música.

No meio deste jogo de referências, influências e assimilações, no concerto há uma pequena brincadeira com o Schubert. Porque é que aparece esta truta de Schubert ali no meio?

[Risos] Pois é... Porque isso é a tal minha vontade genuína e verdadeira de colocar tudo no mesmo saco.

Não é só a vontade de rasgar e ir para outro lado, mas é juntar tudo, fazer a tal síntese.

Exato. Acho que, por exemplo, melodicamente – e falo outra vez do cante alentejano – o cante tem muito de Schubert [risos]. Claro que ele não sabia nada de cante, e as pessoas

do cante possivelmente não conhecem Schubert. Mas há ali uma característica muito schubertiana. Juntei as coisas até serem organicamente viáveis, mas é tudo graças à Maria João e à vontade dela em cantar coisas líricas. Ela assume essa voz. É giro ouvir e depois perceber que ela, como uma truta, sai para fora e volta a entrar, e de repente descambamos na canção *Outra Truta* que já é música minha.

Tiveste alguma estratégia pré-definida para a instrumentação, já que falámos da Maria João, das letras e da composição?

Tudo tem de estar direcionado para o que queremos fazer. O problema é que habitualmente não sabemos o que queremos fazer. Tudo o que se usa e coloca tem que ser em vista com esse objetivo. Neste caso, o objetivo foi a palavra como iniciador, foram aqueles poemas. Cheguei a um ensemble para que todas estas coisas que falámos pudessem ser assimiladas/concretizadas claramente.

Houve algumas escolhas, claro. Comentei com algumas pessoas a escolha do trompete e elas ficaram perplexas. Mas é uma escolha fulcral. Num ensemble com cordas e percussão: um trompete. Mas, de facto, visto agora faz todo o sentido, porque talvez faça uma ligação, não é bem ao trompete do jazz, mas a esse mundo, a essa sonoridade. Mas também pode ser uma coisa mais clássica, ou popular; portanto é um instrumento que faz várias pontes. Faz e fez neste projeto, portanto foi uma escolha muito pensada. As guitarras foram outras das escolhas, mas aqui foi mais evidente, porque o uso da guitarra clássica mas sobretudo a elétrica, faz com que eu tenha momentos que sejam muito diferentes. E o uso da guitarra elétrica dá-me a possibilidade de ter sonoridades e estilos psicadélicos, com distorção, com ambiente mais eletrónico. A percussão foi a argamassa do projeto. Aqui há muitos timbres e possibilidades, muitas sonoridades que ficam muito especiais – como o uso dos steel drums – que são atípicas e não são muito usadas.

Entrevista de Pedro Santos, programador de música da Culturgest, ao compositor e maestro Nuno Côrte-Real.

Temporada Darcos has been a highly-respected venture undertaken by the composer and conductor Nuno Côrte-Real, presenting valuable works of chamber and symphony music in an insistent and continuing manner at some of Portugal's most prestigious concert halls. To commemorate the tenth anniversary of this innovative promotional project, Côrte-Real wrote *Agora Muda Tudo* (Now Everything Changes), taking the original words of José Luís Peixoto and the vocal performance of the singer Maria João, offering these to us in a cycle of original songs for voice and ensemble that glides seamlessly through jazz, classical music and the collective imagination of our traditions. *Agora Muda Tudo*, which was awarded the SPA Authors' Prize in 2018 for the best work of erudite music, returns to the stage once again for another celebration: the release of the album by the American record company Odradek, which in this way perpetuates a project that has been prepared to enjoy a long trajectory of success within the new Portuguese music.





VOZ

Maria João

VERSOS

José Luís Peixoto

COMPOSIÇÃO, DIREÇÃO

Nuno Côrte-Real

ENSEMBLE DARCOS

Gaël Rassaert

(violino)

Reyes Gallardo

(viola)

Marco Pereira

(violoncelo)

Pedro Wallenstein

(contrabaixo)

Helder Marques

(piano)

Paulo Carmo

(trompete)

Rui Gama

(guitarras)

Rui Rodrigues

(percussão)

Pedro Oliveira

(percussão)

DESENHO DE LUZ

Cláudia Rodrigues

DESENHO DE SOM

Süse Ribeiro

Brevemente

Música x

SENSIBLE SOCCERS

AURORA

03 ABR 2019

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

Música x

THE NECKS

16 MAI 2019

QUI 21:00

Grande Auditório

M/6

Culturgest